

**FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA**

Edna de Moraes Santos

**A LITERATURA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Aparecida de Goiânia

2018/2

**Edna de Moraes Santos**

**A literatura como recurso de aprendizagem na Educação Infantil**

Artigo Científico apresentado à Faculdade Nossa Senhora Aparecida – FANAP, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação do professor Dr. Wellington Cardoso de Oliveira.

Aparecida de Goiânia

2018/2

## A literatura como recurso de aprendizagem na Educação Infantil

Edna de Moraes Santos

Este Artigo Científico foi apresentado no dia \_\_\_\_\_ como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, tendo sido avaliada e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

---

Prof. Dr. Wellington Cardoso de Oliveira.

Orientador (a) – FANAP

---

Prof. Ma. Carolina Machado Moreira

Leitor (a) - FANAP

---

Prof. Esp. Clayton Roberto

Leitor (a) - FANAP

## **A literatura como recurso de aprendizagem na Educação Infantil**

Edna de Moraes SANTOS<sup>1</sup>

Wellington Cardoso de OLIVEIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende mostrar a literatura como recurso de aprendizagem na Educação Infantil, podendo vir a ser uma poderosa ferramenta. Entretanto, antes de adentrarmos neste assunto, iremos ver o que é literatura, como ocorre o contato da criança com a literatura e a aprendizagem através dela, pois sabe-se que a literatura é um instrumento social com o qual se constroem relações entre o sujeito e o meio ao qual esta inserida. Pensar aprendizagem e como ela acontece através da utilização da literatura, é enveredar por caminhos diversos, é ter a amplitude de saberes, é experimentar variadas formas de conhecimento por meio de recursos variados, o saber fazer, o papel do mediador neste processo, as formas de contar uma história, como estimular o imaginário infantil através da ludicidade, que quando bem pensada, planejada, organizada e utilizada, pelo o mediador por meio da pesquisa e do interesse em buscar através de variados recursos metodológicos, com a intencionalidade, ludicidade e automotivação, tendo em mente a visão da importância da literatura e da aprendizagem e suas contribuições para amplitude do conhecimento e expansão através do estímulo do imaginário da criança, de suas experiências vividas, permitindo a construção e o enriquecimento de outras formas de aprendizagem. Tendo visto que este contato com a literatura se dá desde muito cedo pela criança, neste sentido o professor tem um papel importante, pois cabe a ele, além de dar exemplo, levar em conta as vivências e o que as crianças trazem como bagagem histórica, cultural, social é valorizar tudo que a criança aprende se auto motivar para ser um agente transformador, procurando sempre se apropriar e buscar novas formas de ensinar e aprender utilizando da literatura como instrumento, se apropriando desse recurso tão enriquecedor, pois quando bem utilizado de forma lúdica em sala de aula, transforma e expande de forma prazerosa a aprendizagem da criança. Apresentam também por fundamentações teóricas opiniões a respeito de Técnicas e metodologias do lúdico na sala de aula e como se ensina e aprende com literatura, sua importância e aprendizagem através da utilização da literatura como recursos metodológicos na Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Recurso. Aprendizagem

---

<sup>1</sup> Edna De Moraes Santos acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Nossa Senhora Aparecida - FANAP.

<sup>2</sup> Wellington Cardoso de Oliveira é Doutor em Sociologia e Docente do Curso de Pedagogia da Faculdade Nossa Senhora - FANAP.

## INTRODUÇÃO

A literatura é instrumento social com o qual se constrói através das relações do sujeito com o meio. Daí o interesse de aprofundamento no estudo da literatura e sua contribuição para a utilização como recurso de aprendizagem na Educação Infantil.

Pretende-se com esta pesquisa levantar questionamentos e discursões fundamentadas em teóricos a despeito da importância da literatura como recurso metodológico, pois percebe-se que quando bem utilizada, como instrumento didático tornar-se um meio pelo qual a criança constrói seu imaginário e consolida sua percepção de mundo a que pertence.

A literatura como recurso metodológico é importante porque o mediador a tem nela um leque vasto de possibilidades, que permite planejar, organizar e ampliar através de sua utilização o enriquecimento na construção de outras formas de aprendizagem como; uma peça teatral, uma receita e confecção de bolo ou mesmo como recurso didático. Através da literatura orientada pelo professor a criança percorre por caminhos que irão possibilitar seu desenvolvimento imaginário e cognitivo.

Partindo dessa vertente e do interesse pela literatura infantil, buscou-se aprofundar por meio de pesquisas bibliográficas e afins, fundamentando e embasando o artigo, sobre os teóricos como: Abramovich (1997), Sandroni & Machado (1983), Faria (2007), Antunes (2002), Dinorah (1995), Freire (1996) entre outros. O objetivo principal da pesquisa é compreender a literatura como metodologia de aprendizagem na Educação infantil, sua importância, e como ocorre a junção da teoria e a prática.

Sendo assim, o que se pretende neste artigo é constatar como a literatura infantil pode contribuir para aprendizagem na Educação Infantil como recurso metodológico.

## 1 A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA LITERÁRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Pensar a aprendizagem na Educação Infantil por meio da utilização da literatura é permear por caminhos diversos é ter a amplitude de conhecimentos é experimentar variadas formas de aprender e ensinar e se apropriar de metodologias para criar novas maneiras de ensinar e novas formas de aprender.

O primeiro contato da criança com a literatura é por meio da oralidade, esse comunicação é feita ainda dentro do ventre da mãe, quando a mesma conversa com o bebe que esta dentro de sua barriga e por meio do tato ao acariciá-la.

Para a formação da criança é importante ouvir histórias, ouvir é o início da aprendizagem. Segundo Abramovich (1997, p. 16), para ser um bom leitor, “o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou avós, contando contos de fadas, trechos da bíblia e histórias inventadas”.

Ao ouvir histórias as crianças criam um universo rico de memórias afetivas que auxiliam e moldam seu caráter e personalidade além de estruturar relações que irão ser transformadas ao longo de sua vida

Para Abramovich (1997, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também), emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Percebe-se que a criança entra em contato com a literatura bem antes de ingressar na a escola, ouvindo relatos feitos pela família, através de receitas de determinada comida, instruções de um jogo ou brinquedo, anúncios, jornais e revistas. Tem-se uma variedade de matérias com que as crianças se apropriam de forma autônoma, pelo simples fato de suprir sua curiosidade e adentrar na sociedade.

Por intermédio da literatura (contação de história), a criança pode viajar no mundo da imaginação, descobrindo novas cidades, culturas, tempos e novas formas de vida. É adquirir novos conhecimentos, valorizando as, multipluridades culturais existentes e construindo novas ideias.

A linguagem oral se constitui em um dos meios mais importantes para o desenvolvimento humano. É por seu intermédio que os seres se expressam, se comunicam e compartilham suas experiências, culturais e

conhecimentos, se constituindo enquanto sujeitos e modificando o seu contexto social. Porém, para que as crianças desenvolvam esta linguagem, faz-se necessário ao profissional planejar diferentes mediações, uma vez que a apropriação deste signo não é algo natural, mas, se desenvolve por meio da cultura, das interações com outras crianças, com adultos e com meios de comunicação. Deste modo, a linguagem é a mediadora entre a criança e o mundo exterior e também constitui sua singularidade. (GOIÂNIA, 2014, p.67).

A criança entra em contato com a linguagem oral pela necessidade de comunicação com família e com o mundo a sua volta. A linguagem, dessa forma, se torna significativa para os pequenos, de acordo com as vivências diárias e as experiências linguísticas, através de materiais escritos, música, jornal, revista, teatro, dentre outros recursos.

Para Sandroni e Machado (1983, p.14),

Desde muito cedo, a criança gosta de ouvir a história da sua vida, a mais importante para ela. É com prazer que escuta alguém contar como foi que ela nasceu os fatos acontecidos com ela, com os irmãos, os pais e os avós. Desenvolve noções de identidade e de passado, ouvindo os casos que são contados e que formam a história da família. À medida que cresce, começa a solicitar determinadas passagens que deseja ouvir. Qualquer coisa puxa uma história. Aos poucos os casos vão ficando mais compridos, enriquecidos de detalhes curiosos e engraçados, que viram parte do folclore da família. Da reunião de histórias do passado a criança constrói o quadro dela mesma no presente.

Quando fala se em ensinar e aprender, conseqüentemente pensa em formas de aprendizagem e como executa tal façanha. No entanto, percebe-se que a criança tem essas percepções mesmo antes de nascer.

Antunes (2002, p. 15) considera que:

Uma criança, ao nascer, não aprende a chorar e nem mesmo a mamar, choro e sucção provavelmente constituem reflexos comuns em todos os mamíferos, mas quando o bebê “usa o choro” para manter sua mãe próxima, ou para de mamar porque já está satisfeito, esses reflexos transformaram-se em comportamentos e estes sim são aprendidos. Esse bebê nasceu como quase todos, com a habilidade para aprender, porém sua aprendizagem ocorreu somente através da experiência.

E garantir as vivências dessas experiências desde os primeiros anos de vida da criança, contribui para o desenvolvimento e aprendizagem e também de sua imaginação, que segundo Vygotsky (1992, p.128) caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista”. Neste sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por

exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: “afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece”. (VIGOTSKY, 1992, p.129)

Em outras análises sobre aprendizagem, existe a concepção Piagetiana, que conceitua a aprendizagem, como um processo construído internamente e dependendo do nível de desenvolvimento do sujeito. A aprendizagem é um processo de reorganização cognitiva. Os conflitos cognitivos são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem. Ainda para Piaget a interação social favorece a aprendizagem, as experiências de aprendizagem necessitam estruturar-se de modo a privilegiarem a colaboração, a cooperação e o intercambio de pontos de vista.

Nesta perspectiva: Piaget *apud* Antunes (2002, p.21) afirma que:

Para Piaget, a inteligência – e, por conseguinte, a aprendizagem – é uma propriedade “universal” do ser humano, válida para qualquer pessoa que se desenvolve através de uma série de estágios sucessivos, qualitativamente diferentes, através dos quais aprende. Esses estágios são chamados de sensório-motor, pré- operatório –formal. Ao longo da passagem por esses estágios, a aprendizagem evolui da transformação de esquemas de conhecimentos simples e concretos para complexos e abstratos, sempre se manifestando através de dois momentos.

O primeiro identifica-se quando o indivíduo capta uma nova informação sobre o mundo, isto é, a assimilação, e o segundo quando muda o pensamento original de modo a incluir o novo conhecimento, isto é, a acomodação. A assimilação e a acomodação sempre se manifestam acompanhadas de três princípios herdados que se inter-relacionam: a organização, a adaptação e o equilíbrio.

Entretanto, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, (1998) aborda que a aprendizagem se dá pela construção interna da criança com a sua visão previa de mundo, podendo transformar essas informações em novos conhecimentos e assim transformando em novas aprendizagens.

O processo que permite a construção de aprendizagens significativas pelas crianças requer uma intensa atividade interna por parte delas. Nessa atividade, as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios (conhecimentos que já possuem), usando para isso os recursos de que dispõem. Esse processo possibilitará a elas modificarem seus conhecimentos prévios, matizá-los, ampliá-los ou diferenciá-los em função de novas informações, capacitando-as a realizar novas aprendizagens, tornando-as significativas. (BRASIL, 1998, p. 33)



Diante disto, conceituar a aprendizagem nas diferentes concepções se torna complexo, pois, existem múltiplos caminhos para alcançar esse objetivo. No entanto, o ensinar e aprender segundo dicionário Aurélio se define como, “Torna-se capaz de (algo), graças a estudo, observação, experiência, etc.”.

## **1.1 O professor e as metodologias de aprendizagens**

Na Educação Infantil, é fundamental que o professor proporcione às crianças, através de um rico planejamento, a diversidade de gêneros textuais, gravuras e outros recursos metodológicos, levando em consideração o nível de maturação e vivência de mundo que a criança trás como bagagem, pois a literatura infantil é uma ferramenta de grande valia, que pode ser inserida, por meio de projetos pedagógicos, partindo da curiosidade da criança, contemplando poemas, novelas, obras do folclore brasileiro, artes, ciências, matemática, etc, para enriquecer o imaginário e contribuir para sua aprendizagem.

O papel do mediador nesse processo de aprendizagem é de fundamental importância, e fazer a diferença provoca estímulos e hábitos que as crianças irão levar consigo além dos muros da escola. Um professor desmotivado, que não tem abertura para as inovações, está fadado ao fracasso e levará a suas crianças a estagnarem em uma acomodação sem assimilação, simplesmente reproduzindo como uma folha em branco, que simplesmente se insere informações sem significado.

No entanto, segundo Faria (2007, p.12),

Já o texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversa, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas – históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo-, eles também oferecem vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias, etc.

Neste sentido, percebe-se que um texto literário quando utilizado de forma adequada provoca uma mutação em diversas áreas do conhecimento da criança, levando ela a buscar novas ideias. O mediador tendo esse olhar embasado nesta

perspectiva possa moldar a criança para novas oportunidades através de metodologias de aprendizagem.

Ainda na perspectiva de Faria (2007, p. 21),

Daí a grande importância de o professor ter uma formação literária básica para saber analisar os livros infantis, selecionar o que pode interessar às crianças num momento dado e decidir sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a já traz de sua pequena experiência de vida.

Percebe-se a importância da busca por novos conhecimentos feita pelo mediador, bem como a investigação e o cuidado na escolha do material e na aplicabilidade da didática as crianças. Contudo, o professor precisa envolver as crianças no mundo imaginário e lúdico de forma que elas façam a aquisição da aprendizagem de forma prazerosa e produtiva.

No entanto, para que um professor ensine, ele precisa também aprender, e neste contexto, possa transmitir esta aprendizagem para a criança. Percebe-se a importância de se dar através do exemplo, pois através dele, encontra-se um dos métodos mais expressivos para uma criança, que aprende por meio da metodologia apresentada e aprendida pelo professor em uma troca de conhecimentos com a criança.

Bernardo (2013, p. 43), faz a seguinte afirmação: “Reconheço apenas um método de educação. O único método de educação que me parece válido não depende de nenhum recurso tecnológico nem de nenhum treinamento especial, pois se trata do ancestral método do exemplo”. Nesta narrativa o autor considera que um professor necessita sempre estar aprimorando seus métodos para atingir melhores resultados e dando exemplo de que também aprende o que ensina para depois repassar um conhecimento.

Portanto, conclui-se nas narrativas dos autores acima que para ser um bom mediador e ter boas aplicações de suas metodologias de aprendizagem é essencial que um professor valorize e tenha uma visão aberta para novas aprendizagens, que ele leve em consideração as vivências e bagagem cultural, social e econômica da criança, despertando nela um interesse e motivação para que a estimule a crescer e se desenvolver de forma prazerosa e produtiva.

## 1.2 O papel do lúdico na formação do imaginário da criança

Quando se analisa o papel do lúdico na formação do imaginário da criança, logo se pensa o jogo ou o brincar, mas quando se conceitua o lúdico, verifica-se que essa palavra possui uma intencionalidade muito além do "brincar" ou "jogar" no sentido amplo da palavra propriamente dita.

A ludicidade quando aplicada como atividades na educação infantil tem como finalidade ampliar o desenvolvimento, a socialização e cooperação da criança de uma forma prazerosa e ao mesmo tempo construtiva. Percebe-se a importância de se conceituar o que venha ser o jogo, o brincar e seu papel lúdico no imaginário infantil.

Segundo Huizinga (2000 *apud* DOHME, 2011), o jogo é:

Uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, seguindo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida quotidiana" (HUIZINGA, 2000:33).

Observa-se nesta narrativa, que no jogo não existe obrigatoriedade, mas orientações, regras combinadas e limites de tempo e espaço, possuindo uma quebra da rotina real que com a intencionalidade do processo de aprendizagem aliadas a diversão e podendo ser obtido resultados de diferentes compreensões.

No entanto, segundo Vygotsky (1998), uma atividade interessante é o brinquedo, a brincadeira, ou o jogo simbólico ou o jogo de papéis, ou seja, o faz-de-conta. Ele considera importante porque nesta fantasia consiste a relação do desenvolvimento e aprendizagem, pois no jogo de papéis ou jogos, a criança transita pelo mundo imaginário ao mesmo tempo em que vivência regras e imposições do mundo real. Sendo uma forma mais amena da criança realizar uma atividade tipicamente infantil com objetividades do mundo adulto, promovendo o desenvolvimento e aprendizagem.

Outras formas de ampliar o papel do lúdico no imaginário infantil é através das histórias, que bem utilizadas, obtém-se ótimos resultados. Todas as crianças se encantam ao ouvir histórias, podendo prender a atenção delas por horas. Entretanto, a história tem funções diversificadas podendo perpassar de várias formas para

contribuir com a aprendizagem, servindo como orientações em um jogo, receita de um bolo, em uma peça teatral, ou mesmo em uma narrativa de um livro.

Segundo Dohme (2011 p. 27),

As histórias encantam as crianças e podem por si só entretê-las por muitas horas. São também usadas combinadas com outro tipo de atividades: dar introdução em um jogo que usará um enredo especial, sustentar uma dramatização. Uma nova forma de viver história é através do RPG, sigla utilizada para referir-se aos Role Play Games. Dentro de um enredo preestabelecido os jogadores encarnam cada qual um personagem. O desenrolar da trama é determinado tanto pelas orientações do mestre (jogador que funciona como um coordenador sem sair da trama), como pelas decisões dos jogadores que poderão ser livres ou determinadas por lances de sorte através de escolhas de cartas, dados e outros sistemas de sorteio. A história é vivenciada e construída pelos próprios jogadores.

Neste sentido, considera – se que a história contribui como instrumento de diversas formas para a construção e percepção de mundo da criança, que utiliza as histórias que imagina e vivencia através das regras e orientações contidas em cada história, que provoca conectividade em quem as vive, oportunizando a produção e criação de novas histórias.

Escutar histórias é muito importante, mas o primordial é saber contá-la e como conta-la. Para Abramovich (1997), o narrador precisa se preparar ter o conhecimento prévio da história, para assim, transmiti-la e provocar no ouvinte sensações, sentidos e com isso ampliar o imaginário da criança. Para ela é “ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais”, (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Para contar histórias é importante saber como fazer, por isso, para o mediador é importante que saiba planejar, organizar e se apropriar, para se contar uma história. O professor ao utilizar a literatura, como recurso metodológico, tem que ter em mente o objetivo que pretende alcançar, unindo a ludicidade das narrativas ao seu favor.

Diante das narrativas acima se conclui a importância do papel lúdico no imaginário infantil, como um conjunto de ferramentas que uni a teoria e a prática regada de planejamento, orientação e visão do mediador, que utiliza esta preciosa Práxis, para desenvolver o imaginário e ampliar os conhecimentos infantis de uma

forma prazerosa, direcionada, orientada, regadas de entusiasmo e satisfação de ambos os aprendizes. Pois quem ensina também aprende em uma dicotomia de felicidade. Santos (1997, p. 127), “A criança aprende brincando e brincando ela é Feliz”.

### 1.3 A literatura e sua importância na educação infantil

A literatura infantil contribui para a amplitude do conhecimento expandido através do estímulo imaginário da criança, suposto que quando o mediador que se apropria dessa ferramenta a utiliza de forma organizada, pensada e planejada. Irá obter resultados satisfatórios, pois a literatura enriquece o educar de forma lúdica, provocando um encantamento e levando a criança a se ver inserida neste mundo, se sentindo parte do meio. Todavia, quando pensamos em literatura infantil, imaginamos livros para crianças, sendo que quando retomamos sua historicidade, percebe-se que a literatura teve na sua originalidade no misticismo, nas cresças e no folclore popular, que quando foi criada pelos irmãos Gremms não era voltada excepcionalmente para o público infantil.

No entanto, no Brasil, a literatura infantil teve sua raiz no final do século XIX, Monteiro Lobato e Madame Dupré foram os pioneiros da literatura infantil no Brasil e foram os primeiros a confeccionar, livros voltados para o imaginário infantil, quem na sua infância não se lembra de Emília, Dona Benta, Narizinho, e tanto outros personagens? Ainda carregamos cada um deles em nossas memórias afetivas. Esses percursos da literatura até nos dias atuais contribuem para a literatura infantil.

Zayra Petry *apud* Dinorah (1995, p. 29), pioneira dos cursos de literatura infantil no Rio Grande do Sul e autora de vários livros infanto-juvenis, declaram que:

Literatura infantil é a própria expressão literária, com valores e características que se ajustam ao desenvolvimento intelectual e psicológico da criança. É o conjunto de obras de ficção, poesia, teatro, biografias, viagens, aventuras reais, escritas para as crianças e ajustadas à sua psicologia.

Vasconcelos (*apud DINORAH, 1995 p. 29*), afirma que; “literatura infantil é todo o acervo literário eleito pela criança”. Nestas perspectivas que se apresentam, percebe-se a importância que devemos dar a literatura infantil.

Abramovich (1997) narra em suas primeiras páginas do livro: “Literatura Infantil – Gostosuras e Bobices”, a importância da literatura em sua vida, suas sensações e suas experiências, provocadas por esse contato apresentado através de sua mãe desde pequena e que a influenciou até sua vida adulta.

A literatura quando apresentada à criança desde quando nasce desperta um estímulo e um hábito que contribuirá ao longo de sua existência e que ajudará em outros aspectos da vida, como uma melhor interação social e cognitiva, fazendo com que seu desempenho seja proveitoso, pois desenvolve sua visão de mundo.

Para Abramovich (1997), fica evidente como a literatura infantil foi importante em sua vida e como esse contato desde cedo a transformou em uma leitora voraz na atualidade. Para ela foi significativo todas as histórias contadas por sua mãe e mediante essa atitude, desencadeou nela o interesse pela leitura. Percebe-se uma identificação entre a autora com a pessoa que descreve suas narrativas, porém, com realidades sociais e afetivas um pouco distanciadas de suas experiências de vida. Lembro-me das histórias contada por minha mãe e muitas outras vividas, oriundas de uma infância pobre, mas que resultou em uma leitora, que busca através das memórias afetivas, transmitir estas histórias em novas ferramentas.

Utilizar a literatura infantil em sala de aula de forma adequada e pedagógica com o objetivo de se construir um conhecimento diversificado e amplo. Uma ferramenta poderosa que pode ser aliada as variadas formas de trabalho do professor, assim enriquecendo seu planejamento. A literatura tem contribuído enormemente no âmbito da educação, enriquecendo a formação do leitor, que desde seus primeiros contatos com a oralidade, material escrito e a percebe sua importância na construção do conhecimento. Através das experiências vividas, sendo contadas, recriadas e revividas, criando novas histórias até o fim de um novo recomeço, nas vidas de outros que serão contadas como suas nas vidas futuras.

## **2 A LITERATURA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Percebe-se a importância da literatura sendo utilizada como recurso através da oralidade, apropriando-se dela como recurso metodológico, sendo passado para a criança, para a comunicação e construção de sua história desde os primeiros momentos de sua vida. Para que se obtenha um resultado satisfatório e preciso que o mediador saiba manusear, seja ético, tenha flexibilidade, seja pesquisador, e o primordial, que tenha a percepção que irá ensinar e aprender extraindo através dos recursos de aprendizagem na educação infantil de todas as experiências e conhecimentos que fazem parte da bagagem infantil e que a partir desta visão a transformar e ampliar, criando por meio desses recursos uma nova aprendizagem.

Neste sentido, percebe-se que um texto literário, quando utilizado de forma adequada provoca uma mutação em diversas áreas do conhecimento da criança, levando-a a buscar novas ideias. E onde o mediador tendo essa visão nesta perspectiva, poderá moldar a criança para novas oportunidades através de metodologias de aprendizagem.

Saber aproveitar o texto, material, algo interessante na internet ou mesmo uma ideia, as narrativas e os métodos para um bom desempenho é primordial, para prender o interesse da criança e com isto estimular o imaginário infantil ou até mesmo a de um adulto. Não é fácil, por isso, o narrador tem que passar veracidade, emoção e vários outros sentimentos, para ter êxito na aplicabilidade de suas narrativas.

Nesta linha de raciocínio Dinorah (1995, p.39), considera que: “Outros autores sugeriram para debater o polêmico tema, e muitos surgirão tempo a fora, pois literatura sem questionamento seria algo estanque e retrógrado, o que absolutamente não é, nem pode ser, pela sua própria natureza criativa.”

A importância de se saber contar histórias por meio da literatura, trás consigo, a significação de momentos e sensações que fazem com que a criança crie em seu mundo, outras significações que irão transformar suas experiências vividas e que podem ter influências significativas na vida adulta.

### **2.1 A literatura como auxílio na de sala de aula.**

O mediador ao pensar em suas atividades em sala de aula, precisa primeiramente pensar que irá estimular o interesse em seus alunos, mesmo sabendo que em sua formação acadêmica houve um déficit na aplicabilidade do mesmo, tendo em vista que os conhecimentos adquiridos foram teóricos e poucos realizados na prática. Para isto é preciso buscar novas formas e novos saberes, para acompanhar os avanços e a modernidade das novas literaturas na atualidade.

Para Antunes (2002), a Educação nunca esteve em evidência como na atualidade, com tantas inovações, tecnologias e varias formas de produzir educação, cria-se uma conscientização, que a educação e suas formas de aprender e ensinar, não estão emperradas no passado, no tradicional e nesta concepção a impressão que se tem é que o país abre seus olhos para uma nova Educação e a necessidade de se aprimorar de novas maneiras para transmiti-la.

Compreende-se diante na narrativa que é preciso estar aberto para as inovações e novos conhecimentos, deixando as amarras que impedem o desenvolvimento da aprendizagem da criança e seu contato com varias outras maneiras de aprender de forma a se beneficiar desses novos saberes.

De acordo com Antunes (2002, p. 8), “negar a evidência dessa nova educação seria fechar os olhos para a internet, seria esquecer que o novo professor precisa antes transformar a informação que ministra-la”, seria negar a certeza de que os sistemas de ensino e portais eletrônicos substituíram os livros didáticos convencionais, seria fazer de conta que a presença do computador na sala de aula representa apenas um acréscimo de recurso, mais ou menos a mesma coisa que as salas de antigamente, com ou sem o mimeografo tradicional.

## **2.2 Técnicas e metodologias do lúdico na sala de aula**

Compartilhar conhecimento por si só, já se pode considerar uma arte e aprimorá-la, apropriando-se de toda sua potencialidade é o sonho de todo professor. No entanto, técnicas e metodologias são utilizadas de diversas formas, mas é preciso de dedicação, entusiasmo e estudos para por em pratica o lúdico na sala de aula. Saber como fazer de uma literatura infantil, uma ferramenta eficaz e dela se extraírem uma diversidade de brincadeiras, jogos, criação de novas historias



partindo da que foi narrada, demanda habilidades e métodos que o mediador, que na maioria não estão preparados, tem que ter, para que alcance um bom resultado.

Dinorah (1995, p. 9), analisa que: “não basta à técnica para fazer o “país do futuro””. Ela considera a necessidade que a criança tenha uma cultura baseada na leitura, que mesmo com as tecnologias e os avanços a criança tenha uma contribuição através da literatura para sua formação como leitora e cidadão. Cabe ao professor saber como conduzir essa aprendizagem, saber fazer e como fazer, faz toda diferença. Faria (2007, p. 21) concorda com as narrativas acima, quando em seu livro “Como usar a literatura infantil na sala de aula”, menciona os seguintes dizeres:

Daí a grande importância de o professor ter uma formação literária básica para saber analisar os livros infantis, selecionar o que pode interessar às crianças num momento dado e decidir sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a criança já traz de sua pequena experiência de vida.

Existem várias técnicas e métodos de se aplicar o lúdico em sala de aula, uma delas são a entonação da voz, as imagens e ilustrações de um livro, como se narra uma história, os jogos e dinâmicas, que prendem a atenção, as fantasias, peças teatrais e varias outras formas, que precisam despertar o interesse infantil, mesmo com todas as tecnologias muitos autores afirmam o quão é importante o livro literário. Monteiro Lobato *apud* Dinorah (1995, p.27) apresentou de forma genial esta importância em suas declarações onde expressava seu desejo de fazer “Um livro onde as crianças pudessem morar”.

Para Faria (2007, p.15,16) considera que:

Na leitura comum, “a relação do leitor com a obra é afetiva; ela se manifesta pela identificação do leitor com a história, com os personagens”. Essa identificação, segundo os pesquisadores franceses, consiste em o leitor “afirmar sua personalidade graças ao livro, formulando julgamentos éticos a propósito de situações ou personagens, prolongando ao mesmo tempo nas leituras, experiências ou questionamentos pessoais”.

Percebe-se diante destas considerações a importância do mediador em colocar na sua junção de teoria e pratica as devidas atenções e cuidados em suas aplicabilidades, pois se lida com o imaginário, com a formação desta criança que carrega consigo todas as historias, vivências, que foram apresentadas na sua infância e que positivamente ou negativamente as carregam até sua vida adulta.

Diante disto conclui-se que o mediador desempenha um papel importantíssimo para essa formação e saber utilizar de forma consciente, criativa e humana, buscando sempre melhorar e inovar tais técnicas e metodologias de forma lúdica em suas salas de aula e até fora dela, pois quando se aprende brincando, mas com uma intencionalidade e olhar infantil, se obtém resultados além dos muros e muralhas de uma escola ou sociedade, a qual a criança esta inserida, transformando e refletindo o que aprendeu.

### **2.3 Ensinar e aprender com literatura**

Ao falar as palavras ensinar e aprender, logo imaginamos que existe uma dicotomia no sentido real de importância nelas, pois ambas se entrelaçam e se completam e o mediador ou qualquer pessoa em sua existência praticam ao mesmo tempo essa arte.

Quando se pensa o ensinar e aprender com literatura, o que vem são os contos de fadas, lendas, mitos, história familiares e tantas outras formas literárias vivenciadas por cada ser humano.

Faria (2007, p.23) afirma que:

Os livros infantis apresentam narrativas curtas, que podem ser consideradas contos – designação de histórias e narrações tradicionais, que existem desde os tempos mais antigos, os quais, na sua origem eram orais em sociedade ágrafas, transmitidas de geração em geração. Na Europa, Perrault, no fim do século XVII, e os irmãos Grimm, no início do século XIX, recolheram contos orais, populares de seus respectivos países e os registraram por escrito, segundo suas concepções e estilos.

Considera-se a importância de saber, que desde a antiguidade existia pessoas que se interessavam por adquirir através da cultura e das vivências, conhecimentos sobre suas histórias e apropriavam-se delas para transmiti-las a outros sejam por registros ou por suas próprias histórias.

Utilizar desse recurso literário para ensinar e aprender enriquece e estimula a criança, o professor, pois quando se conta uma história ou a representa tanto o docente como o aluno aprende e ensina mutuamente. No entanto é necessário que para existir essa assimilação e troca de conhecimento, o mediador procure analisar

todo o conteúdo e as formas de aplica-la para atingir o objetivo proposto. Nesta Perspectiva Paulo Freire em seu livro: “Pedagogia da Autonomia” considera que:

[...] E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente [...] (FREIRE,1996, p.142).

Percebe-se a necessidade de o professor ter essa visão libertaria e natural, do fazer docente, se sentindo valorizado para estar aberto a novas formas de ensinar e aprender, para ampliar o saber tanto do educador como do educando, promovendo através dos saberes, o prazer e a valorização do ensinar e aprender, ele deve praticar a autonomia para desprender-se das amarras que os prende a uma aprendizagem ultrapassada, que antes se limitava apenas a simples reprodução. No entanto na atualidade com as novas formas de ensinar e aprender, o professor pode ser agentes transformadores do conhecimento e do imaginário das crianças.

Para Freire (1996, p.145), considera que:

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos (FREIRE,1996, p.145).

Diante disto, conclui-se que para ensinar e aprender com literatura, tanto o educador como educando, precisa de vários fatores e aprimoramentos para que aja a troca e amplitude do conhecimento e do imaginário infantil, mas que essa troca seja produtiva e prazerosa, que através de todos os recursos metodológicos para aprendizagem na Educação Infantil que vimos no presente artigo tenha a alegria entre ambas as partes.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa propiciou a reflexão e análise de como a literatura é um importante recurso para a aprendizagem na educação infantil. A mesma contribui sobremaneira para o enriquecimento, conscientização e transformação do educando.

O uso da literatura em sala de aula contribui para que o aluno tenha uma formação crítica reflexiva e transformadora, se inserida corretamente pelo mediador de forma planejada, organizada aprimorada, proporcionando uma troca de saberes entre ambos e aos professores uma formação, estruturada em um alicerce embasado em experiências variadas, significativas e que o motivará a vir a ser um agente transformador nas práticas educativas futuras, pois, considera-se que a prática leva ao aperfeiçoamento.

Apropriei-me de elementos necessários para minha futura atuação como mediador da educação infantil, conhecendo através da pesquisa como ocorre a construção da consciência literária, como se utiliza a literatura como recurso, como acontece à aprendizagem utilizando-se da literatura e percebendo e valorizando as práticas pedagógicas, a ludicidade, como é importante o papel do docente neste processo educativo amplo que valoriza o ser criança e sua bagagem que trás de mundo e que estimula seu imaginário e a prática social do docente fazendo a junção da teoria com a prática para promover uma aprendizagem lúdica e prazerosa.

Percebe-se que ao ampliar o imaginário e a aprendizagem da criança por meia utilização da literatura como recurso, compreende-se que ela aprende com alegria e interesse e desperta nela o prazer de vivenciar e criar novos saberes, novas histórias e que irão transformar a suas próprias narrativas, uma amplitude de conhecimentos, onde o educador se torna educando diante de um sorriso, um afeto espontâneo, de um cuidador que educa e o direciona para uma formação além dos espaços físicos da escola.

Sendo assim, considera-se que o saber fazer e como fazer é o grande desafio que o mediador deve buscar e auto motivar sempre, para perpassar obstáculos diários, pois perceberá que na realidade, teorias são mudadas ou redimensionadas, que práticas são ferramentas que ampliam conhecimentos, que se bem manuseadas, transforma um desejo, em uma determinação do profissional em formação, de ser um agente transformador do seu processo de aprendizagem em educação.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Scipione (Pensamento e Ação no Magistério), 1997.
- ANTUNES, Celso, **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender/ Celso Antunes**, - Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BERNARDO, Gustavo, 1955- **Conversas com um professor de Literatura/Gustavo Bernardo**. – Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- COLEÇÃO, Grandes Educadores, **Jean Piaget, Lev Vygotsky, Celestin Freinet, Henri Wallon**. Belo Horizonte: vol. 2, Cedic, 2007.
- DINORAH, Maria. **O Livro Infantil e a Formação do Leitor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- DOHME, Vania, **Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado/ Vania Dohme**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- FARIA, Maria Alice. **Como Usar a Literatura Infantil na Sala de Aula**. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire**. - São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. **Infâncias e Crianças em Cena: Por uma Política de Educação Infantil para a Rede Municipal de Goiânia**. Goiânia: SME, DEPE, DEI, 2014.
- HUIZINGA, J. (2000). **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva.
- REIMER, Ivoni Richter. **Trabalhos acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos / Ivoni Richter Reimer**. 1. Reimpr. -São Leopoldo: Oikos, 2014.

SANDRONI, Laura Constância e Machado, Luiz Raul. **A Criança e o Livro**. RJ: Ática, 1983.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos/Santa Marli Pires dos Santos (org.)**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VIGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006. p.103-117.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, L. **Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira, Munna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.